

LYING*

Gabriel Garmendia da Trindade¹ e Lauren de Lacerda Nunes²
garmendia_gabriel@hotmail.com; laurenlacerdanunes@gmail.com

É errado mentir? Por séculos essa pergunta têm sido alvo de intensas investigações e questionamentos por pensadores de toda a tradição filosófica ocidental. De Aristóteles a Santo Agostinho, passando por Immanuel Kant, David Hume, John Stuart Mill, William David Ross, entre muitos outros – o problema moral da mentira parece ser uma fonte inesgotável de problematização para inúmeros autores. Em *Lying*³, uma de suas mais novas obras, o filósofo e neurocientista norte-americano Sam Harris debruça-se sobre essa questão com vistas à exposição de novas percepções e horizontes a partir de um texto de linguagem clara, concisa e acessível a todos.

Harris é mundialmente conhecido como um dos principais proponentes intelectuais do chamado “novo ateísmo”, embora seu trabalho não possa, de modo algum, ser resumido a apenas críticas à religião e separação entre Estado e Igreja. Ele é autor de livros como *Carta a uma Nação Cristã* (publicado no Brasil em 2006), *A Morte da Fé – Religião, Terror e o Futuro da Razão* (publicado no Brasil em 2009), *The Moral Landscape: How Science Can Determine Human Values* (2010) e, mais recentemente, *Free Will* (2012). Harris possui diversos artigos acadêmico-científicos publicados em revistas especializadas, além de escrever regularmente para periódicos consagrados como *Newsweek*, *The New York Times*, *Boston Globe*, *The Times*, entre outros. Harris também é criador, em conjunto com sua esposa, Annaka Harris, do *Project Reason*, uma fundação cujo escopo basilar é o fomento e a propagação de conhecimentos científicos e valores seculares dentro da sociedade.

Lying divide-se em um total de dose pequenas seções, além de outros três segmentos menores reservados para considerações finais, agradecimentos e detalhes referentes às notas apresentadas no decorrer do corpo do texto. Em seu livro, Harris almeja discutir, a partir de

* Referente à obra: HARRIS, S. *Lying*. Kindle Single Edition. 2011. 26 p.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (PPGF-UFSM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (PPGF-UFSM). Professora assistente na área de *humanidades* da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

³ *Lying* (2011) foi originalmente publicado, por ser um artigo longo, porém com uma estruturação de obra literária, em formato *Kindle Single Edition* e, até o presente momento, não possui uma edição impressa. A presente resenha foi escrita a partir da versão *Kindle Single*, embora uma versão em *Portable Document Format* (PDF) possa ser adquirida gratuitamente através do website de Sam Harris. Link para download gratuito de *Lying* em formato PDF: <www.samharris.org/images/uploads/LYING.pdf> [Acessado em 30/11/2012]. O número de páginas das versões *Kindle Single* e PDF difere significativamente, todavia o conteúdo de ambos é essencialmente o mesmo.

distintos prismas, o motivo pelo qual os seres humanos comumente comportam-se de modo a trazer infelicidade, tristezas e constrangimentos para si mesmos ao enganar seus semelhantes. Em outras palavras, Harris tenta problematizar por quais razões as pessoas constantemente optam por mentir em ocasiões onde, inegavelmente, a melhor decisão a ser tomada seria agir com honestidade ou sinceridade. Para tanto, inicialmente, Harris propõe estabelecer algumas diferenciações semântico-conceituais para o debate em pauta, de modo a distinguir entre o ato de enganar (*deception*) e o de mentir (*lying*), e as noções de verdade (*truth*) e veracidade (*truthfulness*). Como ponto de partida para essa discussão, a ação de mentir deverá ser entendida como o ato de enganar intencionalmente outros indivíduos, quando estes, em realidade, buscam uma comunicação honesta.

De acordo com Harris, os motivos pelos quais as pessoas mentem são variados. Alguém pode mentir para amigos ou familiares para poupá-los de algum sofrimento, evitar o constrangimento próprio ou alheio, prometer algo que não deseja cumprir, obter algum benefício econômico ou pessoal a partir do comportamento e ações de outrem, etc. Similarmente, a mentira é passível de ser expressa em diversas formas, podendo ser sutil ou grosseira, elaborada por meio de múltiplos artifícios, ou posta em prática como um simples eufemismo ou momento de silêncio. Não obstante, Harris distingue entre dois tipos de mentiras, as quais se relacionam diretamente com duas categorias de transgressões morais existentes: ações comissivas (ações ruins que alguém comete) e ações omissivas (ações boas que alguém deixa de fazer), mentiras por omissão (cujas consequências possuem um peso moral maior) e as chamadas mentiras “brancas” (*white lies*). A problemática das mentiras “brancas” merece uma análise em especial, haja vista seu prolongado tratamento no decorrer dos escritos de Harris.

Para Harris, as mentiras “brancas” normalmente são contadas quando se busca poupar alguém de certo desconforto, sendo, muitas vezes, tomadas como um modo de refrear uma possível descortesia em determinadas circunstâncias. Esse é o tipo de mentira mais comum de todos, pois, como pontua Harris, acaba sendo proferido com boas intenções – a de não magoar os sentimentos de outrem. Por exemplo, como alguém deveria reagir quando um amigo lhe presenteia carinhosamente com um vaso de flores visivelmente feio? Um simples “Muito obrigado!” geralmente não é o bastante, pois se espera que o presenteado diga o que achou ou se gostou do vaso. Conforme destaca Harris, muitos afirmariam que, por convenção social, o melhor a se fazer seria dizer algo de positivo sobre o presente, ignorando, assim os próprios sentimentos, os quais poderiam ser muito bem os de defenestrar o vaso tão logo a outra pessoa vire as costas. Harris, todavia, assevera que uma mentira polida ainda permanece

sendo eticamente recriminável, visto que certos valores morais comuns a todos como sinceridade, autenticidade, integridade e entendimento mútuo são aniquilados no momento em que alguém deliberadamente escolhe deturpar as suas próprias crenças e se abster de expor seus verdadeiros sentimentos supostamente pelo bem-estar alheio. De fato, mentir dessa forma nada mais é do que negar aos próprios amigos ou familiares o acesso à realidade e informações importantes, sobretudo, quando a mentira contada concerne a um falso encorajamento.

Uma das consequências inquestionáveis de desvendar ou perceber uma mentira é a perda de confiança no mentiroso. Deveras, como Harris salienta, amizades ou relacionamentos podem ser fragilizados (ou até mesmo terminar) quando uma pessoa tem o costume de mentir. Uma vez revelada, é muito difícil apagar a má impressão deixada por uma falha na integridade pessoal resultante de uma mentira – seja esta “branca” ou mais elaborada. Nesse sentido, Harris sustenta que, apesar dos possíveis embaraços sociais, não mentir é a melhor decisão a se tomar. Demonstrar os reais sentimentos e crenças em situações onde, habitualmente, mentir seria considerado a melhor saída, possibilita a construção de relacionamentos íntimos e amizades mais intensas. Segundo Harris, dizer a verdade não pode ser visto como uma tentativa de ofender outra pessoa, mas simplesmente como o desejo de partilhar as informações que alguém possui e compreender o seu posicionamento em uma dada circunstância. De uma forma mais simplificada, a adoção de um comportamento honesto na comunicação representaria um simples amadurecimento e/ou crescimento individual.

Outrossim, Harris também aborda o caso das grandes mentiras elaboradas por governos, corporações ou outras instituições públicas. Quando descobertas, tais mentiras resultam, de maneira similar às mentiras “brancas”, porém com um âmbito ampliado, em uma notória desconfiança popular acerca das autoridades ou órgãos institucionais envolvidos. Isso acaba por gerar ceticismo com relação a múltiplos assuntos vitais – por exemplo: aquecimento global, poluição ambiental, conflitos no exterior, desnutrição global, etc. Com efeito, muitas vezes, a população em geral acaba demonstrando suspeições até mesmo das fontes de informação de maior segurança e credibilidade. Todavia, é possível indagar que, em certas ocasiões, como em tempos de guerra, o ato de mentir para o inimigo poderia ser necessário, ou até mesmo benéfico – por exemplo: quando espalhar uma informação falsa fosse capaz de reduzir a perda de vidas inocentes. Não obstante, como Harris frisa, as mentiras contadas em cenários que envolvem guerras ou espionagem dizem respeito a certos aspectos éticos atinentes a situações de emergência, devendo, assim, ser avaliadas de modo diferenciado.

Em resumo, *Lying* pode ser enaltecido por debater com bastante clareza uma temática filosófica tão intrigante quanto o problema moral da mentira. Por intermédio do uso de vários exemplos e situações verídicas, Harris expõe os multifacetados aspectos e implicações das mentiras diariamente contadas pelas pessoas, de maneira a tornar ainda mais palatável a discussão em voga. Ademais, a escrita simples e atrativa de Harris, juntamente com a breve extensão de *Lying*, possibilitam uma leitura ininterrupta do texto do início ao fim. Todavia, os leitores já acostumados com as obras de Harris certamente sentirão falta dos costumeiros estudos neurocientíficos e pesquisas cognitivo-psicológicas sempre presentes em abundância em seus textos – uma característica que reforça a relação entre filosofia moral e neurociência nos escritos do autor norte-americano e que lhe dá traços únicos. No entanto, essa lacuna não compromete, em nenhum sentido, os objetivos originalmente estipulados por Harris no decorrer da presente obra, de tal modo que *Lying* permanece sendo não apenas uma interessante introdução ao tema da mentira, mas igualmente uma boa leitura para aqueles que almejam refletir sobre certos aspectos e áreas de suas relações pessoais.